

# **Revisão bibliográfica sobre estratégias de preparação do intérprete para a interpretação de conferências**

## **Bibliographical review on the strategies of preparation of the interpreter for the conference interpretation**

Luana Ribeiro Carvalho (\*)<sup>1</sup>

**Resumo:** A preparação do intérprete de conferências é muitas vezes tomada com irrelevante, especialmente por leigos no assunto, uma vez que o trabalho do intérprete é feito e entregue no momento da conferência. O principal objetivo deste trabalho é mostrar que a preparação do intérprete antes de entrar na cabine é essencial para capacitar o profissional para trabalhar com mais eficácia e precisão. Esse objetivo é alcançado através da revisão bibliográfica, que fundamenta as opiniões de vários autores sobre o assunto. O artigo estabelece comparações entre as ideias dos autores citados, bem como explicita o foco que cada um deles dá a preparação do intérprete de conferência. Essas comparações mostram que de fato a preparação do intérprete não é obrigatória, mas é relevante e vantajosa para o profissional. Ademais, o artigo expõe as diferenças entre o intérprete *freelance* e o especialista, buscando mostrar como a área de atuação também influencia na preparação. O levantamento bibliográfico revela também as dificuldades encontradas pelo intérprete ao buscar se preparar para a conferência.

**Palavras-chave:** Preparação. Intérprete de conferências. Cabine. *Freelance*. Especialista.

**Abstract:** The preparation of the conference interpreter is often taken as irrelevant, especially by laypersons, as the work of the interpreters done and delivered at the moment of the conference. The main objective of this paper is to show that the preparation of the interpreter before stepping into the booth is essential in order to enable the professional to work with more efficiency and precision. This objective is reached through a bibliographical review which founds the views of many authors about the subject. The article establishes comparisons between the ideas of the authors quoted, as well as makes explicit the focus each one of them gives to the preparation of the conference interpreters. Such comparisons show that, in fact, the preparation of the interpreter is not mandatory, though it is relevant and advantageous to the professional. Additionally, the article exposes the differences between the freelance interpreter and the specialist one, aiming to show how the area of work also influences on preparation. The literature survey also reveals the difficulties faced by the interpreter when trying to prepare himself for the conference.

**Keywords:** Preparation. Conference interpreter. Booth. Freelance. Specialist.

---

<sup>1</sup> (\*) Mestranda em Interpretação em Conferências na Glendon – York University, Toronto, ON, Canadá  
E-mail: carvalho.luanaribeiro@gmail.com

## **1 INTRODUÇÃO**

A preparação do intérprete antes de iniciar o trabalho de interpretação engloba uma série de fatores, entre eles, a preparação teórica sobre o tema, a preparação da voz, a concentração do intérprete, a preparação do ambiente de trabalho, etc.

A preparação da voz é algo importante para todo profissional que tem a voz como instrumento de trabalho, seja ele um intérprete, um ator, um cantor ou um professor. Preocupar-se com a voz é mais do que preocupar-se com a saúde. Para esses profissionais, isso significa preocupar-se com o seu instrumento de trabalho. Um intérprete que faz os seus exercícios vocais matinais regularmente está cuidando não apenas do seu bom desempenho naquele dia de trabalho, mas também do seu futuro.

A concentração do intérprete e a preparação do ambiente de trabalho estão relacionadas, pois é preciso que o intérprete se sinta seguro e a vontade com a maneira que o trabalho acontecerá durante o dia. Para isso, ele se prepara informando-se com o seu contratante sobre como as coisas acontecerão, chegando com antecedência ao local do trabalho para evitar imprevistos, testando o equipamento, trocando ideias com o concabino e, quem sabe, até com o palestrante, se houver a oportunidade.

Porém, no decorrer deste artigo, será investigada unicamente a preparação do intérprete sobre o tema, ou seja, o estudo e a pesquisa realizados pelo intérprete dias antes do trabalho de interpretação. Parece haver uma concordância de opiniões sobre a importância de uma boa preparação do intérprete sobre o tema antes de realizar a interpretação. Andrew Gillies (2013, p.26) aponta que se você viu algo antes por causa da sua preparação, então será muito mais fácil interpretar.<sup>2</sup>

Entretanto, pouco é discutido sobre o assunto, especialmente no que tange a realidade do intérprete brasileiro. Neste sentido, o desenvolvimento deste artigo se justifica pela carência de materiais que sistematizem sugestões de autores estrangeiros sobre estratégias de preparação para o trabalho de interpretação em conferências, reunindo as opiniões de alguns estudiosos da área.

## **2 A PREPARAÇÃO DO INTÉRPRETE PARA O TRABALHO NA CONFERÊNCIA**

Tradutores e intérpretes são profissionais distintos, mas muito confundidos entre si. Os tradutores são aqueles que trabalham com a transferência de uma língua para outra de forma escrita, enquanto os intérpretes, de forma oral. Percebe-se então que mesmo sendo

---

<sup>2</sup> Todas as traduções de trechos de textos cujas fontes originais são em língua inglesa foram feitas pela autora desse artigo.

profissionais que trabalham com associações de sentido entre duas línguas, esses trabalhos possuem características diferentes. Uma dessas diferenças é quanto ao momento da aquisição de conhecimento *ad hoc*. Segundo Daniel Gile (2009, p.131), os requerimentos de aceitabilidade linguísticos são mais altos na tradução escrita do que na interpretação, especialmente no que tange a gramática e o estilo. Gile (2009, p.131) também ressalta que

A maioria da Aquisição de Conhecimento *ad hoc* para certo trabalho de tradução acontece durante o desenvolvimento desse trabalho, enquanto na interpretação, acontece em grande parte antes da conferência em questão (pelo menos sob o que o intérprete de conferência considera condições de trabalho ‘normais’). Por causa dessas diferenças, as estratégias de aquisição de conhecimento ensinadas para os intérpretes e tradutores se diferem de certa forma.<sup>3</sup>

Gile menciona na citação acima ‘em grande parte’ porque o intérprete atento aproveita todos os momentos do seu trabalho para adquirir informações úteis que lhe servirão no momento da interpretação em si. Assim, Gile (2009, p.151) resume que, na interpretação, a aquisição do conhecimento acontece antes da conferência, durante os últimos minutos que a precedem e após o início da mesma. Ele também destaca na citação acima ‘condições normais de trabalho’ consideradas pelo intérprete porque veremos ao longo desse artigo que muitas situações de trabalho do intérprete são anormais. Recebe-se com antecedência pouco ou nenhum material sobre a conferência na qual você é contratado para trabalhar e, ainda assim, o contratante exige excelência no trabalho.

É por essas e outras questões que Gile (2009, p.144) especifica três estágios de preparação do intérprete para a conferência: preparação com antecedência, preparação no último minuto e aquisição de conhecimento durante a conferência. Sobre a ‘preparação com antecedência’, Gile diz que

Os organizadores das conferências são sistematicamente requisitados pelos intérpretes a fornecer todos os documentos da conferência em todas as línguas de trabalho relevantes com bastante antecedência do início das reuniões. Isso é considerado como uma parte importante das condições de trabalho.<sup>4</sup>

Muitos podem se perguntar a necessidade real do intérprete de se preparar antes da conferência. Algumas pessoas supõem que o conhecimento das duas línguas é suficiente para garantir um bom trabalho de interpretação. É indiscutível que o intérprete deve ter um

---

<sup>3</sup> “Most of the *ad hoc* Knowledge Acquisition for a given translation task takes place during the translation work, whereas in interpreting, it takes place to a large extent before the relevant conference (at least under what conference interpreter consider ‘normal’ working conditions). Because of these differences, knowledge acquisition strategies taught to interpreters and translators differ to some extent.” (tradução minha)

<sup>4</sup> “Conference organizers are systematically asked by interpreters to provide them with all sets of conference documents in all the relevant working languages well before meetings are due to start. This is regarded as an important part of working conditions.” (tradução minha)

conhecimento elevado e um bom domínio das línguas com as quais ele trabalha. Entretanto, alguns autores fundamentam razões para a preparação do intérprete. Andrew Gillies (2013, p.26) aponta

Prepare o tópico para que você saiba o que está sendo falado e não seja surpreendido, quando estiver interpretando, pelos termos técnicos relacionados àquela área. Como lidar com termos que você nunca ouviu antes é, obviamente, uma técnica por si só, mas você deve tentar limitar o número de surpresas desagradáveis com as quais você se depara em cada palestra.<sup>5</sup>

Como explicitado acima por Gillies, é impossível prever todos os termos que o palestrante irá usar e prepará-los com antecedência. Mas é possível conhecer sobre o tópico o suficiente a ponto de minimizar o número de surpresas desagradáveis durante o trabalho de interpretação. Gillies (2013, p.26) enuncia que o que é advertido é premunido, ou seja, se você tomou conhecimento de algo antes, por exemplo, durante a sua preparação, então a interpretação disso será muito mais simples.

Por outro lado, Gile (2009, p.100) sugere que é possível contornar a ausência de conhecimento específico sobre o assunto tratado na conferência quando expõe que

Até os textos mais especializados são geralmente compostos de frases com uma estrutura lógica idêntica ou muito semelhante às estruturas lógicas encontradas na língua cotidiana. A maioria dos problemas de compreensão estão associados aos substantivos especializados que se referem à conceitos e objetos com os quais pessoas leigas não são familiarizadas.

Em aproximadamente todos os casos, esses conceitos e objetos podem ser entendidos de certa forma não trivial com base na morfologia dos termos especializados relevantes de conhecimento geral e do contexto.<sup>6</sup>

Essa citação de Gile parece nos levar à ideia de que ele acredita que a preparação prévia pode ser descartada da rotina do intérprete se o conhecimento de ambas as línguas for alto. Todavia, Gile (2009, p.87) também afirma em seu livro que, na interpretação em conferências, compreender suficientemente a língua fonte na ‘maioria das vezes’ não é o bastante. Gile (2009, p.151) explica que a preparação terminológica específica é particularmente útil e que glossários construídos pelos intérpretes são mais valiosos do que os comerciais. A construção e utilização de glossários serão abordadas mais adiante nesse artigo.

---

<sup>5</sup> “Prepare the topic so that you know what is being talked about and you aren't surprised when interpreting by the technical terms relating to that field. How to deal with terms you have never heard before is of course a technique in itself, but you should try to limit the number of unpleasant surprises you get in any speech.” (tradução minha)

<sup>6</sup> “Even the most specialized Texts are generally made up of sentences with a logical structure identical or very similar to logical structures found in everyday language. Most comprehension problems are associated with specialized nouns which refer to concepts and objects with which laypersons are not familiar. In nearly all cases, these concepts and objects can be understood to some non-trivial extent on the basis of the morphology of the relevant specialized terms of general knowledge and of the context.” (tradução minha)

Quando se fala em preparação, deve se tomar o conceito mais amplo da palavra. Preparação não é apenas listar em ambas as línguas os termos relacionados ao tópico da conferência em questão. Gillies (2013, p.26) declara que a preparação também servirá para expandir o conhecimento geral do intérprete e a sua exposição à língua. O intérprete, e principalmente o intérprete *freelance* brasileiro, trabalha em conferências de diferentes áreas e, por isso, deve ser curioso sobre que acontece no mundo e buscar conhecimento sobre diferentes assuntos. Dessa maneira, ele absolutamente não se torna um especialista em tudo, mas deixa de ser alheio e se torna consciente do que acontece ao seu redor e, mais cedo ou mais tarde, poderá usar esse conhecimento adquirido.

Gillies (2013, p.27) mostra a relação entre a exposição do intérprete à língua e a leitura sobre o tópico da conferência quando diz

Ler sobre o mesmo evento em línguas diferentes aumentará a familiaridade com a terminologia política e econômica ao mesmo tempo em que evitará as armadilhas da tradução literal. Esse exercício não é muito um exercício de preparação para um tópico específico, mas para todos os tópicos.<sup>7</sup>

Essa ideia de expandir o conhecimento geral do intérprete é corroborada quando Gillies (2013, p.27) propõe que a leitura é um hábito que deve ser adquirido. Os benefícios desse hábito não serão percebidos de imediato, mas após alguns anos de leitura regular, quando o intérprete se pegar listando nomes de pessoas importantes ou explicando situações políticas que antes não conseguiria fazer.

Uma vez que está clara a importância da constante expansão do conhecimento geral do intérprete, toma-se novamente a preparação específica sobre o tema de determinada conferência. Parece haver uma dicotomia entre os intérpretes sobre em que ponto focar essa preparação mais avançada: conhecimento extralinguístico ou preparação de terminologia. Gile (2009, p.146) indica

A diferença de focos não é geralmente expressada explicitamente, uma vez que defensores de ambas as abordagens concordam que tanto o conhecimento extralinguístico quanto o linguístico são necessários, mas nas frases prescritivas, defensores da primeira abordagem são a favor de preparar para conferências técnicas e científicas através da leitura de livros e artigos de ciência populares bem como explicações em enciclopédias, depois passar para artigos mais especializados, e estudar os documentos da conferência como um último passo. Defensores de uma segunda abordagem recomendam que intérpretes foquem no estudo de termos específicos prováveis de aparecer na conferência.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> “Reading about the same event in different languages will increase familiarity with the political and economic terminology whilst avoiding the pitfalls of literal translation. This exercise is not so much a preparation exercise for a specific topic, but for all topics.” (tradução minha)

<sup>8</sup> “The difference in foci is generally not expressed explicitly, as proponents of both approaches agree that both extra linguistic and linguistic knowledge are necessary, but in prescriptive statements, proponents of the first approach are in favour of preparing for technical and scientific conferences by reading popularizing science

O próprio Gile (2009, p.146) assinala que, pelo que ele observa, mesmo aqueles que defendem a primeira abordagem estudam primeiramente a terminologia. Isso reafirma a ideia de que o intérprete precisa buscar o conhecimento geral sobre assuntos através da leitura em diferentes fontes, mas, ao mesmo tempo, é útil e necessária uma preparação focada no tema da conferência.

Sejam quais forem as informações contidas na preparação, é óbvio que o intérprete não memorizará tudo previamente. Mas uma das vantagens do trabalho em conferências é que o intérprete está dentro da cabine e, por isso, tem a opção de levar o material que preparou para, se necessário, consultar durante a interpretação. Para que essa consulta seja eficaz, o intérprete deve se organizar. Valerie Taylor-Bouladon (2007, p.137) defende que cada intérprete deve encontrar sua própria maneira de organizar as informações que são relevantes para determinado evento. Ela sugere:

encontre seu próprio método para indexar palavras-chave, incluindo títulos de oficiais ou comitês com suas respectivas traduções em cada uma das suas línguas de trabalho. Quanto melhor você dominar as estruturas e jargões da organização, melhores são as suas chances de ser recrutado novamente. Também é importante que intérpretes *freelance* se identifiquem com a “imagem corporativa” da organização.<sup>9</sup>

As ‘surpresas desagradáveis’ mencionadas por Gillies anteriormente podem ser facilmente resolvidas se o material que o intérprete leva para a cabine está organizado de tal maneira que a consulta seja fácil. As sugestões de organização dadas por Taylor-Bouladon como títulos de oficiais, comitês, bem como siglas, se listadas nas duas línguas são uma ferramenta muito útil para o intérprete.

A ideia de preparação também é confirmada por James Nolan (2012, p.17). Porém, Nolan também menciona outras atitudes a serem tomadas pelo intérprete antes da conferência. Ele explica que

Ganhar familiaridade com o assunto a ser discutido em um trabalho iminente é importante, e estar presente em uma reunião com antecedência será especialmente de grande ajuda para ter uma noção das regras e dos termos procedurais. Uma observação cuidadosa dos gestos e da conduta do palestrante, bem como da reação dos ouvintes fornecerá dicas adicionais sobre a intenção atrás das palavras. Saber os temas específicos de uma conferência com antecedência e obter uma cópia da programação, dos documentos, da lista de palestrantes e de qualquer discurso

---

books and articles as well as explanations in encyclopaedias, then moving on to more specialized articles, and studying conference documents as a last step. Proponents of a second approach recommend that interpreters focus on the study of specific terms likely to come up in the conference.” (tradução minha)

<sup>9</sup> “work out your own method for indexing key words, including titles of officials or committees with their translation into each of your working languages. The better your mastery of the organisation’s structure and jargon, the better your chances of being recruited again. It is also important that freelance interpreters identify with the “corporate image” of the organisation.” (tradução minha)

preparado disponível pode também ser muito útil. Muitos palestrantes preparam seu discurso com bastante antecedência do dia da conferência e com prazer darão ou enviarão uma cópia a um intérprete que se dá ao trabalho de pedir.<sup>10</sup>

Apesar de Nolan ressaltar que os palestrantes não se importam em compartilhar com o intérprete o material da palestra, a realidade é que poucos o fazem. Os relatos dos intérpretes são que o acesso ao material é dificultado pelas organizações que contratam os serviços de interpretação e esse acesso ao material é ainda mais difícil se as negociações dos serviços não são feitas diretamente com o intérprete, mas se são intermediadas por um coordenador de interpretações.

Não obstante, muitos autores afirmam que a preparação, seja ela qual for, é útil para o intérprete. Taylor-Bouladon (2007, p.138) discorre sobre ter um tempo livre antes da conferência para a preparação. Ela especifica sobre o tema da conferência que é preciso pesquisar sobre o mesmo ao máximo porque isso pode ajudar o intérprete a lidar com palestrantes que falam de maneira difícil, bem como dar ao intérprete a sensação de que ele domina o tópico da conferência.

Como Taylor-Bouladon mesmo declara, dominar o assunto é fundamental. Muitas pessoas acreditam que o trabalho do intérprete se resume a ouvir palavras em uma língua e passá-las para outra língua. Essa ideia é desmitificada por Taylor-Bouladon (2007, p.138) no parágrafo seguinte, quando ela explica que

Algumas pessoas acham que os intérpretes simplesmente transliteram palavras sem compreender a ideia transmitida pela mensagem, mas os intérpretes sabem que é praticamente impossível reproduzir mensagens sem uma compreensão total do que o falante quer dizer e isso, por sua vez, é impossível sem um pouco de conhecimento do assunto.<sup>11</sup>

Portanto, é fato que nem todos os intérpretes se preparam antes do evento, mas também é um fato que aqueles que se preparam entram na cabine mais confiantes para executar o seu trabalho. Taylor-Bouladon (2007, p.140) ressalta que no dia do evento há algumas coisas que o intérprete pode fazer como, por exemplo, acordar mais cedo e dar uma última revisada no vocabulário de maneira bem concentrada para ativar a sua mente para o

---

<sup>10</sup> “Gaining familiarity with the subject matter to be discussed at an upcoming assignment is important, and attending a meeting in advance will be especially helpful to get a grasp of procedural rules and terms. Careful observation of speakers’ gestures and demeanor, as well as the reaction of listeners will provide additional clues to the intent behind the words. Knowing the specific themes of a conference in advance and obtaining a copy of the agenda, background documents, list of speakers and any prepared speeches available can also be very helpful. Many speakers prepare their speeches well in advance of delivery and will gladly give or send a copy to an interpreter who takes the trouble to ask for it.” (tradução minha)

<sup>11</sup> “Some people think interpreters simply transliterate words without understanding the idea conveyed by the message, but interpreters know that it is quite impossible to reproduce messages without a full comprehension of what the speaker wants to say and this, in turn, is impossible without some knowledge of the subject matter.” (tradução minha)

trabalho. Ela também acha útil conversar com colegas de outras cabines antes do evento para comparar traduções de algumas expressões. Para ela, o primeiro dia de conferência é mais cansativo, mas a partir do segundo dia o vocabulário vem à tona mais naturalmente.

### 3 A CONSTRUÇÃO DE GLOSSÁRIOS

Como mencionado anteriormente, Gile (2009, p.151) reafirma a utilidade de possuir um glossário com termos relacionados ao tema da conferência e acredita que os glossários construídos pelos intérpretes são mais valiosos do que os comerciais. Isso é verdade porque no momento em que o intérprete está interpretando ele até pode ser multitarefas para pesquisar uma palavra desconhecida, mas o tempo que ele tem para encontrar e usar esse vocábulo é relativamente muito curto, pois o palestrante não para de falar para aguardar que o intérprete faça isso. Então, é mais eficaz que o intérprete procure a palavra ou o termo em um glossário que ele próprio construiu e, possivelmente, tem uma lembrança, mesmo que vaga, de onde essa palavra está escrita.

Gile (2009, p.147) também discorre sobre quais informações são relevantes e devem estar contidas em um glossário construído pelo interprete para que a busca no momento da interpretação seja eficaz, a saber,

Em seus glossários, os intérpretes têm a tendência de listar indicações terminológicas apropriadas para uma ocasião especial e acrescentar pouca informação sobre a confiabilidade da informação, sua fonte, o significado ou a natureza dos referentes, etc. (...)

Quando você está selecionando os documentos da conferência que você está prestes a estudar, você precisará de um sistema para indexá-los de maneira que você possa encontrar qualquer documento que você precise na cabine depressa. (...) preste atenção especial às palavras-chave e também aos títulos de oficiais. (...) Prepare seu próprio glossário multilíngue.<sup>12</sup>

De fato, a citação da fonte ou a natureza da referência que foram usadas para a construção desse glossário pouco importam para a finalidade do mesmo, que é ser usado dentro da cabine durante a conferência. Na mesma linha de Gile, Taylor-Bouladon (2007, p.139) reforça a importância de incluir no glossário nomes e cargos de oficiais e comitês para fácil consulta.

---

<sup>12</sup> “In their glossaries, interpreters tend to list terminological indications appropriate for one particular occasion and to add little information regarding the reliability of the information, its source, the meaning or nature of the referents, etc. (...)

When sorting out the conference documents you are about to study, you will need a system to index them so you can find any document you need in the booth in a hurry. (...) Pay particular attention to key words and also the titles of officials. (...) Prepare your own multi-lingual glossary.” (tradução minha)



É muito importante que o intérprete encontre a maneira que mais lhe favoreça de organizar as informações do seu glossário. Taylor-Bouladon, (2007, p.139, 140) organiza os seus glossários em grupos de ideias (nomes de oficiais, comitês, termos técnicos, vocabulário geral, etc.) para facilitar que ela encontre as palavras que procura. Ela cita que colegas preferem organizar em ordem alfabética. Não há uma fórmula pronta para isso, cada intérprete deve organizar da melhor forma de acordo com a maneira que ele trabalha.

Como cada intérprete tem a sua própria maneira de construir seu glossário, Taylor-Bouladon (2007, p.140) também sugere que se o intérprete for usar as informações do glossário do colega, então que ele copie a próprio punho para memorizar e garantir que ele conseguirá encontrar uma informação no caso de uma emergência. Apesar de estarmos em um mundo tecnológico no qual o computador é uma ferramenta útil e eficaz, há intérpretes que preferem fazer o glossário a próprio punho porque isso os faz gravar as informações. Mas a própria Taylor-Bouladon (2007, p.141) reconhece que o uso do laptop dentro da cabine é um facilitador na vida dos intérpretes. Para resumir, Taylor-Bouladon (2007, p.143) aponta

Se você compila seu glossário no computador ou manualmente, certifique-se de que você tem um sistema lógico para ordenar por assunto, organização, comitê, etc. em ordem alfabética para cada língua, permitindo que você identifique termos com a organização que os usa naquela língua em especial.<sup>13</sup>

De certa maneira, o glossário previamente elaborado pelo intérprete é um material no qual ele pode confiar ao invés de confiar única e exclusivamente na própria memória. Como Taylor-Bouladon (2007, p.142) declarou “um glossário compilado por você mesmo é como um amigo de confiança ao longo dos anos”.

#### **4 CONHECER O PALESTRANTE**

Muito já foi dito neste artigo sobre a relevância da aquisição prévia de conhecimento sobre o tema da conferência bem como sobre a construção de glossários por parte do intérprete. É preciso sublinhar também que não é mandatório, mas é extremamente útil que o intérprete pesquise quem é o palestrante ou quem são os palestrantes que se apresentarão na conferência.

Gillies (2013, p.32) assinala que, antes de iniciar a interpretação, o intérprete deve se fazer as seguintes perguntas:

Quem é o palestrante?  
Qual é a sua nacionalidade?  
Qual é o seu *background* cultural?  
Qual é o seu “pensamento de mundo”?

---

<sup>13</sup> “Whether you compile your glossary on a computer or manually, make sure you have a logical system for sorting by subject, organisation, committee, etc. in alphabetical order for each language, enabling you to identify terms with the organisation that uses them in that particular language.” (tradução minha)

O que ele espera obter dessa conferência?  
Qual é a posição do seu governo a respeito dessa questão?<sup>14</sup>

No mundo tecnológico de hoje, há inúmeras maneiras de o intérprete obter material sobre o palestrante que ele vai interpretar. As ferramentas de busca da internet podem propiciar textos escritos pelo palestrante, informações sobre o seu passado, presente e futuro e os *sites* de vídeos podem dar ao intérprete a oportunidade de assistir ao palestrante previamente, mesmo que palestrando sobre outro tema, para verificar o sotaque, a velocidade da fala, as características e a prolixidade do discurso, etc. como bem aponta Gile (2009, p.87)

Conhecer a língua materna do Palestrante dá ao Tradutor mais elementos para a análise dos erros lexicais, gramaticais e de pronúncia (por exemplo o jeito que os japoneses pronunciam algumas vogais no inglês e as consoantes “r” e “l”, o jeito que os espanhóis e latino-americanos pronunciam o som “z” como “s” ou o jeito que falantes nativos do árabe pronunciam o “p” como “b”). (...)

Ao interpretar, uma vez que a pressão do tempo transforma cada elemento da ‘equação’ de compreensão mais importante, o conhecimento da língua materna do palestrante é frequentemente um fator importante ao designar discursos a intérpretes específicos em uma equipe de intérpretes.<sup>15</sup>

A questão do sotaque não pode ser desprezada na preparação do intérprete em nenhuma língua. A própria língua portuguesa pode trair o intérprete. Um intérprete brasileiro que interpretará um palestrante da língua fonte português para qualquer que seja a língua alvo pode encontrar uma enorme dificuldade se o palestrante for português e não brasileiro. Por mais que a língua portuguesa seja a mesma, as diferenças de sotaque, pronúncia e alguns vocábulos podem tornar o trabalho de interpretação extremamente difícil e certamente podem comprometer o produto final do intérprete se ele não estiver preparado para aquilo.

Sobre a interpretação no Brasil, na qual a língua alvo é o inglês, José Reynaldo Pagura (2010, p.68) faz uma ressalva importante que

todos os participantes internacionais apresentam-se em inglês e os intérpretes acabam se vendo na situação de interpretar intervenções feitas num inglês de difícil compreensão, seja pela escolha lexical, pela sintaxe e, principalmente, por uma pronúncia quase incompreensível.(...)

---

<sup>14</sup> “Who is the speaker?

What is his nationality?

What is his cultural background?

What is his ‘thought-world’?

What is he hoping to get out of the conference?

What is the position of his government on this issue?” (tradução minha)

<sup>15</sup> “Knowing the Sender’s mother tongue provides the Translator with more elements for analysis of lexical, grammatical and pronunciation errors (for instance the way the Japanese pronounce some English vowels and the consonants “r” and “l”, the way the Spanish and Latin Americans pronounce the “z” sound as an “s” or the way native speakers of Arabic pronounce “p” as “b”). (...)

In interpreting, where time pressure makes each element at the comprehension ‘equation’ more important, knowledge of the speaker’s mother tongue is often an important factor in assigning speeches to specific interpreters in an interpreting team.” (tradução minha)

Como a grande maioria dos eventos no Brasil só contrata interpretação de/para inglês, o problema é constante.

Por isso, mais do que nunca, o intérprete brasileiro deve aproveitar o momento da preparação prévia para estudar o palestrante e, principalmente, a maneira com a qual ele faz uso da língua fonte.

## 5 O NÃO ACESSO PRÉVIO AO MATERIAL DA CONFERÊNCIA

Como já mencionado anteriormente, apesar de, na teoria, o material da conferência ser fundamental para que o intérprete se prepare previamente, na prática, esse material quase nunca é disponibilizado. Gile (2009, p.145) fala sobre isso e sobre a alternativa que muitos intérpretes encontram quando ele destaca que

Infelizmente, no local, os documentos não são sempre fornecidos a eles, e quando são, acabam sendo insuficientes. Nesse caso, os intérpretes podem tentar adquirir informações relevantes por outros meios, e em especial usando a *World Wide Web*.<sup>16</sup>

Gile (2009, p.145), ao definir os três estágios de preparação do intérprete para a conferência, nomeia o segundo estágio 'preparação no último minuto'. Ele dá algumas explicações para o material da conferência não ser disponibilizado com antecedência e explica o que acontece quando o material é disponibilizado literalmente no último minuto antes da conferência começar. Ele mostra que

Há várias razões pelas quais os documentos da conferência nem sempre são disponibilizados aos intérpretes com antecedência: trabalhos são frequentemente finalizados no último minuto, palestrantes nem sempre são informados das necessidades dos intérpretes, eles podem não querer revelar o conteúdo dos seus trabalhos, eles podem considerar os trabalhos confidenciais e ter medo de violações de segurança. Muitos documentos são disponibilizados apenas no último minuto, no local da conferência. Uma tendência relativamente recente é preparar apresentações de *Power Point* que são levadas até o local da conferência em aparelhos de USB. Os intérpretes podem copiá-las para os seus próprios aparelhos de USB e estudá-las no local se eles tiverem munidos de seus computadores portáteis.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> “Unfortunately, in the field, documents are not always provided to them, and when they are, they often turn out to be insufficient. In such a case, interpreters try to acquire relevant information by other means, and in particular by using the World Wide Web.” (tradução minha)

<sup>17</sup> “There are several reasons why conference documents are not always made available to interpreters in advance: papers are often finalized at the last moment, speakers are not always made aware of the interpreters' needs, they may not wish to disclose the content of their papers, they may consider the papers confidential and are afraid of security breaches. Many documents are only available at the very last moment, on the premises. A relatively recent trend is to prepare powerpoint presentations which are brought to the conference venue on USB devices. Interpreters may be allowed to copy them onto their own USB keys and can study them on the spot if they have brought along their own laptops.” (tradução minha)

Como mencionado por Gile acima, os palestrantes que gentilmente dividem com os intérpretes a cópia dos slides antes da apresentação, dão aos mesmos a oportunidade de rapidamente tomarem conhecimento do que vai acontecer quando a conferência começar e trazem certa tranquilidade aos intérpretes, pois poderão utilizar a cópia desse material durante a conferência. E esse é um dos pontos que nos leva ao terceiro estágio definido por Gile (2009, p. 146), a ‘aquisição de conhecimento durante a conferência’. Nesse estágio, ele descreve que

Muita informação é obtida durante a própria conferência, em parte através de documentos que são entregues após o início da mesma, em parte através de conversas com os participantes durante os intervalos, e em parte ao ouvir as apresentações e discussões, que podem fornecer mais informações do que os documentos fornecem. (...) Ouvir os representantes em todas as línguas é uma boa oportunidade de construção de conhecimento terminológico e fraseológico. O mesmo conhecimento construído ocorre ao ouvir um colega na cabine que já tem alguma experiência na área e sabe a terminologia e fraseologia correta – e ao trocar termos dos glossários que outros membros da equipe prepararam para a reunião. Esse tipo de aquisição de conhecimento na conferência pode ser bem eficiente.<sup>18</sup>

Portanto, quando a preparação prévia não é suficiente para o intérprete, ele aproveita os intervalos (nos quais ele deveria estar descansando) para adquirir conhecimento sobre a conferência através das atitudes supracitadas obtendo, assim, informações que serão úteis tanto para ele quanto para o seu concabino.

Taylor-Bouladon (2007, p.141) também destaca o intérprete que busca informações enquanto seu concabino está interpretando o palestrante. Ela defende que é uma ótima alternativa ouvir e anotar expressões que o seu concabino usa enquanto interpreta. E também visitar outras cabines e ouvir os termos e expressões que os outros intérpretes estão usando.

Outro momento no qual o intérprete pode receber informações que o ajudam a preparar previamente para o trabalho de interpretação de conferências é quando ele é convidado a participar de *briefings* ou de ensaios. Nessas oportunidades ele pode fazer perguntas e tirar dúvidas. A cerca disso, Gile (2009, p.145) esclarece que

Durante os *briefings*, informações gerais são dadas aos intérpretes, que também podem fazer perguntas específicas que geralmente focam conceitos e terminologia. Muitos *briefings* acontecem muito próximos do início da conferência, geralmente

---

<sup>18</sup> “Much information is gained during the conference itself, partly through documents which are handed out after it had started, partly through conversations with participants during breaks, and partly by listening to presentations and discussions, which may provide more information than do documents. (...) Listening to the delegates in all languages is a good opportunity to build up relevant terminological and phraseological knowledge.

The same knowledge build-up occurs when listening to a colleague in the booth who has some experience in the field and knows the right terminology and phraseology – and when exchanging terms from glossaries other members of the team have prepared for the meeting. This type of in-conference knowledge acquisition can be very efficient.” (tradução minha)

pouco antes da abertura. *Briefings* são mais úteis quando os intérpretes tiveram o tempo e a oportunidade de estudar os documentos com antecedência e ter uma lista de perguntas a fazer aos participantes.<sup>19</sup>

A participação em *briefings* e ensaios é importante, mas o intérprete deve ser breve, simples e conciso ao colocar seus questionamentos. Ele certamente não é a pessoa mais importante ali e, para tirar um bom proveito daquela situação, ele deve estar atento para aproveitar informações úteis que forem ditas e esclarecer dúvidas de questões que ele já estudou e preparou previamente.

## 6 OS TEXTOS DOS PALESTRANTES

Como mencionado anteriormente, há situações de conferências em que os textos dos palestrantes chegam até as mãos dos intérpretes, mesmo que minutos antes da conferência começar. Gile (2009, p.148), ao mencionar os documentos das conferências, esclarece que os intérpretes tem pouco tempo para utilizar tais documentos antes da conferência e menos ainda durante a mesma. Taylor-Bouladon (2007, p.142) descreve que idealmente é melhor mais prático que o intérprete tenha lido com atenção o texto todo com antecedência. Mas a realidade é a descrita por Gile.

Papura (2012, p.127) menciona que existe uma

grande dificuldade em conseguir materiais para o evento e mesmo para fazer contato com os organizadores técnicos, a fim de tomar ciência de quais serão os temas discutidos, os oradores convidados, a pauta dos trabalhos – todos esses, elementos fundamentais para o bom desempenho da interpretação.

O que os leigos falham em compreender é que o texto do palestrante chegar até as mãos do intérprete não é suficiente. Ele precisa de tempo para ler e digerir as informações. E, mais do que isso, se um texto impresso é entregue ao intérprete, as chances de o palestrante ler ao invés de falar naturalmente, são muito grandes. E isso é algo temido pelos intérpretes porque, como pondera Taylor-Bouladon (2007, p.141) alguns palestrantes leem, e leem excepcionalmente rápido. E mesmo que o intérprete consiga fazer uma tradução à prima vista do que o palestrante está lendo, usando o texto que está em suas mãos, segundo Taylor-Bouladon, ele não pode confiar que o palestrante irá ser fiel à leitura do texto do início ao fim.

Gillies (2013, p.33) explica que a tradução à prima vista é uma excelente ferramenta de uso do intérprete, quando feita durante a preparação, e não durante a conferência:

---

<sup>19</sup> “During briefings, general information is given to the interpreters, who can also ask specific questions which generally turn out to focus on concepts and terminology. Most briefings are held very close to the beginning of the conference, often just before the opening. Briefings are most useful when interpreters have had the time and the opportunities to study documents in advance and have a set of questions to put to participants.” (tradução minha)

Se você consegue encontrar o texto de um discurso sobre um assunto semelhante ao que você irá interpretar, então, fazer uma tradução à prima vista desse texto é uma maneira excelente de se preparar. Isso te dará a oportunidade de praticar de fato usando as expressões e a terminologia que você coletou enquanto se preparava. Pode parecer trivial, mas é muito mais difícil resolver, recordar e então usar uma tradução ou expressão pela primeira vez, do que em qualquer outra vez subsequente. Conseqüentemente, é melhor se assegurar de que a 'primeira vez' não seja na cabine, mas parte da sua preparação.<sup>20</sup>

Papura (2010, p.66) é um pouco mais detalhista, mas muito claro ao explicar porque é necessário o acesso prévio dos intérpretes ao texto e ao explicitar as diferenças da fala para a leitura que se transformam em barreiras para o intérprete no momento da interpretação:

Como se sabe, um texto escrito tem características muito diferentes da fala. Por exemplo, a redundância, tão comum na fala, tende a desaparecer do texto escrito, pois ele já foi revisto e revisado; com isso, o conteúdo informacional de um texto escrito é muito mais denso do que da fala espontânea.

Os intérpretes aproveitam muito da redundância da fala espontânea para ganharem tempo para absorver e processar as informações do discurso original. Outro ponto apontado por Papura (2010, p.66) é a diferença de tamanho dos períodos quando falados e quando escritos. Ele comenta

na maioria dos textos considerados "bem escritos" as frases são muito mais longas, havendo uma certa predominância da subordinação sobre a coordenação, ao contrário da fala em que, naturalmente, se opta pela coordenação, com o uso de frases mais curtas.

Outra questão assinalada por Papura (2010, p.67) são as reuniões mais técnicas (que, por sinal, são a maioria). Os textos estão recheados de estatísticas e nomes próprios conhecidos pelos especialistas, mas não pelos intérpretes. Mas, certamente a questão mais séria é a má administração do tempo por parte dos organizadores e como isso afeta o trabalho dos intérpretes. Papura (2010, p.67) explica

O pior de tudo, porém, é que em muitos eventos, o participante prepara um texto que precisaria do dobro do tempo que lhe foi atribuído para ser lido com naturalidade. Como o número de participantes é sempre grande, as intervenções recebem sempre um tempo relativamente curto, e o palestrante acaba lendo seu texto a uma velocidade tal que impede o processamento adequado de informações pelos intérpretes e, pode-se dizer, até mesmo por aqueles que acompanham a intervenção em seu idioma original.

---

<sup>20</sup> "If you can find the text of a speech on a subject similar to the one you are going to interpret, then doing a sight translation of that text is an excellent way to prepare. It will give you an opportunity to practise actually using the expressions and terminology that you have collected while preparing. It may sound trivial, but it is much harder to work out, or recall, and then use a translation or expression a first time, than at any subsequent time. Consequently it is better to make sure that the 'first time' is not in the booth, but part of your preparation." (tradução minha)

Obviamente, a qualidade da interpretação é muito comprometida sob tais condições. Mas nem todas as conferências retratam isso. Pagura (2010, p.67) esclarece a diferença notada nas conferências de organizações internacionais. Ele relata

Nas organizações internacionais, não só os representantes estão mais habituados a falar em público e a serem interpretados, mas também há normalmente um serviço de organização de conferências que se encarrega de obter os textos e fazê-los chegar, em tempo hábil, ao intérprete.

Mas, infelizmente, nem todas as instituições que contratam os serviços de interpretação se comportam como as organizações internacionais e, quando as conferências são compostas de palestrantes-leitores como os descritos acima, não importa o quanto o intérprete se preparou ou a quantidade de experiência e conhecimento que ele possua, a interpretação será muito prejudicada.

## **7 A DESVERBALIZAÇÃO**

Como mencionado anteriormente nesse artigo na preparação prévia do intérprete, Taylor-Bouladon (2007, p.138) esclarece a suposição errônea das pessoas ao dizer que o papel do intérprete é apenas transliterar palavras de uma língua para a outra. Gile (2009, p.89) apropriadamente cita dois autores que explicitam que o entendimento do que foi dito leva a uma interpretação eficaz:

“Apenas entendendo completamente o significado do autor é que o intérprete pode se assegurar que está escolhendo as melhores palavras disponíveis para apresentá-las na melhor estrutura possível.” (Mellen 1988, 272)

“O princípio básico é que o intérprete não pode interpretar o que ele não compreende.” (Kurz 1988, 424)<sup>21</sup>

Franz Pöchhacker (2010, p.67) deixou sua contribuição sobre esse assunto ao descrever como, em 1980, um grupo de intérpretes de conferência, incluindo Daniel Gile, Jennifer Mackintosh, Barbara Moser-Mercer e Catherine Stenzl, aberto à abordagens interdisciplinares, estudaram a fundo e conseguiram estabelecer um paralelo entre a produção de texto e a interpretação para jogar por terra a ideia de transliteração:

---

<sup>21</sup> ““Only by understanding the author’s meaning thoroughly can the translator be sure to choose the best available words to present them in the best possible structure.” (Mellen 1988, 272)  
“The basic principle is that an interpreter cannot interpret what he does not understand.” (Kurz 1988, 424)”  
(tradução minha)

A idéia de interpretação como produção de texto foi compartilhada por um grupo de pesquisadores em tradução que, no curso dos anos 80, (re-) conceitualizou tradução (e interpretação) como uma ‘atividade dotada de propósitos’, cuja finalidade não é a ‘reprodução equivalente’ do texto fonte, mas a produção do texto alvo designado a atender a sua função no contexto da cultura alvo. A tradução, desse ponto de vista, não era uma transferência linguística, mas um processo que abarca dois sistemas culturais, o qual exige a mediação ativa de sentido para atender as necessidades culturais do contexto alvo.

Contudo, o fato o trabalho de interpretação em conferência ser, na maioria das vezes, uma interpretação simultânea, leva as pessoas a refletir sobre qual a quantidade de tempo o intérprete geralmente tem entre ouvir na língua fonte, entender, formular a ideia e desverbalizar na língua alvo. Gile (2009, p. 88, 89) diz que esse tempo é curto:

Supondo que um discurso não contenha qualquer dificuldade especial, associado à linguagem ou aos fatos incorretos ou ao pensamento confuso, o tempo necessário para processar palavras isoladas para ‘compreender’ as mesmas no contexto é uma fração de segundo. (...)

Na interpretação, a pressão cognitiva e as limitações da memória de curto prazo fazem até desses momentos de processamento curto suficientes para gerar dificuldades sérias e, de fato, prejudicar a viabilidade da tarefa de interpretar.<sup>22</sup>

Para minimizar a pressão cognitiva e as limitações da memória de curto prazo, o intérprete nunca deve parar de praticar. Relatos de intérpretes profissionais são que o treino em dias que não se está trabalhando é fundamental para manter um bom nível de interpretação, aliado à aquisição de conhecimento global, mencionada anteriormente neste artigo durante as exposições sobre a preparação prévia do intérprete.

## **8 O MERCADO BRASILEIRO DE INTERPRETAÇÃO: DESAFIOS PARA A PREPARAÇÃO**

O intérprete profissional no Brasil se diferencia bastante do intérprete profissional no exterior. A realidade brasileira é que a grande maioria dos intérpretes profissionais são intérpretes *freelance*, trabalham para empresas diferentes e não possuem uma agenda fixa de trabalho. Vários autores ressaltam o que é exigido de um intérprete *freelance* no que tange a preparação para o trabalho na conferência.

---

<sup>22</sup> “Assuming a speech contains no particular difficulty, associated with incorrect language or facts or unclear thinking, the time required to process single words in order to ‘understand’ them in context is a fraction of a second. (...)

In interpreting, cognitive pressure and the limitations of short-term memory make even such short processing times sufficient to generate serious difficulties and to actually jeopardize the feasibility of the interpreting task.” (tradução minha)



Gile, (2009, p.99) comenta que, com exceção de alguns profissionais como os jornalistas, intérpretes e tradutores são possivelmente os únicos que analisam com profundidade informações que leem sobre áreas nas quais eles não são especialistas. E esclarece que eles têm duas maneiras de abordar tal atividade:

Se eles encaram isso como um fardo, uma tarefa difícil e tediosa, eles são privados do prazer de interpretar e traduzir que vem de aprender e adquirir conhecimento novo. Se eles encaram isso como um desafio que não especialistas podem vencer com sucesso e que proporciona oportunidades de aprendizado, eles podem descobrir que a sua profissão é bem mais gratificante.<sup>23</sup>

Taylor-Bouladon (2007, p.146) complementa o que Gile abordou acima sobre o discurso especializado. Ela diz que

Intérpretes de conferência precisam aprender o jargão de cada profissão para que, quando eles falarem, eles soarem como um médico, um meteorologista, um neurocirurgião, um geólogo e assim por diante. Eles também devem ser familiarizados com coloquialismos, citações, provérbios e gírias comuns em todas as suas línguas de trabalho. Eles também precisam estar atentos a contaminação linguística pela língua falada no país no qual eles moram.<sup>24</sup>

Mais do que dominar o vocabulário de cada uma das áreas na qual ele vai atuar, o intérprete *freelance* deve ter a segurança suficiente para transmiti-la ao interpretar. A abordagem do discurso especializado é descrita por Gile (2009, p.96) através de um paralelo estabelecido entre a tradução e a interpretação, partindo da ideia de desverbalização mencionada a pouco neste artigo. Lê-se

Para traduzir uma frase em um discurso especializado (...) Tradutores podem buscar as informações necessárias em várias fontes escritas e intérpretes são ajudados pelo contexto da conferência. (...) tanto intérpretes quanto tradutores utilizam o contexto dos textos e palestras para adquirir mais conhecimento sobre o assunto ao analisar dicas disponíveis e assim melhora a sua compreensão das palestras subsequentes ou dos segmentos de textos futuros. Ao processar os textos ou as palestras eles se familiarizam com o assunto e adquirem uma melhor compreensão das frases dos autores e palestrantes até o ponto em que às vezes se aproximam de um *expert* e já surpreenderam mais de um leitor de tradução ou um representante em uma conferência interpretada.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> “If they perceive this as a burden, a difficult and tedious task, they are deprived of much of the pleasure of interpreting and translation which comes from learning and acquiring new knowledge. If they perceive it as a challenge which non-specialists can tackle successfully and which provides learning opportunities, they may find their profession far more gratifying.” (tradução minha)

<sup>24</sup> “Conference interpreters need to learn the jargon of each profession so that, when they speak, they sound like a physician, a meteorologist, brain surgeon, geologist and so on. They may also be familiar with colloquialisms, quotes, proverbs and common slang expressions in all of their working languages. They must also be on guard against language contamination by the language spoken in the country in which they live.” (tradução minha)

<sup>25</sup> “In order to translate a sentence in specialized discourse (...) Translators can look for the necessary information in various written sources and interpreters are helped by the conference context.(...) Both interpreters and translators use the context provided by the text and speeches to gain more knowledge about the subject by analyzing available clues and thus improve their comprehension of subsequent speeches or later text segments. While processing the texts or speeches they familiarize themselves with the subject and gain a better understanding of the authors’ and speakers’ statements to an extent which sometimes approximates that of

Todavia, por mais que o intérprete se esforce, é impossível dominar bem todas as áreas do conhecimento. Gile (2009, p.89) explicita a verdade que muitos já concluíram: contratantes e até intérpretes assumem que um trabalho decente só é apropriadamente executado em campos que o intérprete domina bem ou quase tão bem quanto um especialista. Isso leva os intérpretes a se perguntarem se seria útil se especializar em uma área específica. Nolan (2012, p.5) diz que, no contexto de conferência, intérpretes são generalistas e, por isso, não se especializam, mas se utilizam da preparação prévia para executarem um bom trabalho:

Muitos tradutores e intérpretes fazem um esforço para se manter informados sobre certas áreas nas quais suas combinações de línguas são úteis. Entretanto, a maioria dos tradutores e intérpretes é por necessidade generalista, uma vez que não é possível ser um *expert* em todas as áreas nas quais há demanda por tradução. De acordo, tradutores e intérpretes devem cultivar a habilidade de rapidamente assimilar as questões básicas e o vocabulário que combina com um trabalho em especial. Entre os intérpretes de conferência, a prática usual é obter materiais dos organizadores de conferências anteriormente à reunião e estudar tais materiais para obter uma compreensão básica do assunto e o vocabulário específico.<sup>26</sup>

Porém, fora do Brasil, a realidade é outra. Temos o chamado intérprete-funcionário, termo que Pagura (2010, p.36) explica melhor:

Essa nova forma de cooperação internacional verá surgir nos anos do entre-guerras, as décadas de 20 e 30 do século XX, a figura do “intérprete-funcionário internacional”, ligado às organizações internacionais e do “intérprete *freelance*”, que prestava serviços a essas organizações e que também atuava nas inúmeras conferências internacionais que começam a surgir, nas mais diversas áreas do conhecimento humano.

Pagura (2010, p.64) esclarece onde esses intérpretes trabalham e, em que momento, as organizações que geralmente os contratam precisam também de intérpretes *freelance*:

Tanto a Comissão Europeia, quanto o Parlamento Europeu e o Tribunal de Justiça Europeu funcionam com intérpretes-funcionários e, em momentos de maior demanda, com intérpretes *freelance*, como acontece com as organizações internacionais desde a época da Liga das Nações e dos primórdios da ONU.

---

experts and has surprised more than one translation reader or delegate at an interpreted conference.” (tradução minha)

<sup>26</sup> “Many translators and interpreters make an effort to keep abreast of certain fields in which their language combination is useful. However, most translators and interpreters are of necessity generalists, since it is not possible to be an expert in every field in which there is a demand for translation. Accordingly, translators and interpreters must cultivate the ability quickly to assimilate the basic issues and vocabulary that go with a particular assignment.

Among conference interpreters, the usual practice is to obtain background materials from the conference organizer prior to the meeting and study the materials to gain a basic understanding of the subject and the specialized vocabulary.” (tradução minha)

As diferenças entre o intérprete-funcionário e o intérprete *freelance* são inúmeras, e vão desde a questão financeira até a precisão, ou não, do trabalho devido ao uso de linguagem específica. Pagura (2010, p.66) diz

Diferente dos intérpretes-funcionários, (...) os autônomos trabalham sempre o maior número possível de dias por mês, por questões óbvias de natureza financeira. Sua demanda é, naturalmente flutuante, pois depende do número de eventos. Outra característica fundamental é que a natureza dos eventos em que atuam varia imensamente, enquanto os intérpretes-funcionários atuam sempre numa mesma organização e, com muita frequência, num mesmo comitê durante muito tempo.

Sobre o supracitado, Pagura complementa que trabalhar para uma mesma organização ou para um mesmo comitê permite aos intérpretes mais precisão e proficiência no assunto e no código linguístico dos participantes. Taylor-Bouladon (2007, p.146) também esclarece sobre algumas vantagens de ser um intérprete-funcionário:

Para te alegrar: a maioria das organizações internacionais maiores tais como ONU, UIT, WMO, entre outras que possuem seções de tradução permanentes tiveram Léxicos e Glossários preparados pelos seus tradutores. Os mesmos são geralmente disponibilizados gratuitamente para intérpretes *freelance* e tradutores que trabalham para elas.

Receio que você terá que aprender com antecedência os acrônimos específicos para cada conferência que você fizer. E manter uma lista deles para complementá-la no futuro.<sup>27</sup>

Há muitas vantagens em ser um intérprete especialista ou intérprete-funcionário. Não obstante, a realidade do Brasil não é essa. A esmagadora parte das empresas que precisam contratar os serviços de interpretação contrata o intérprete *freelance*. O Brasil é um país em que a cultura do reconhecimento do intérprete como profissional ainda está sendo criada. É por essa razão que o intérprete ainda é aquele que educa o cliente no “como” fazer as coisas.

Enquanto essa cultura é criada, o intérprete *freelance* se desdobra não só para conquistar e fidelizar clientes, mas também para fazer um bom trabalho e sobreviver com a incerteza do seu salário, uma vez que é o seu próprio chefe.

## 9 CONCLUSÃO

O intérprete de conferências é o tipo de profissional que está constantemente sendo avaliado pelo seu cliente. Quando ele consegue desenvolver um bom trabalho, ele se torna

---

<sup>27</sup> “To cheer you up: most of the larger international organizations such as UN, ITU, WMO, and so on which have permanent translation sections have had Lexicons or Glossaries of technical terms prepared by their translators. These are generally available free of charge to freelance interpreters and translators working for them.

I am afraid you will just have to learn beforehand the acronyms specific to each conference you do. And keep your list of them to be added to in the future.” (tradução minha)

invisível, pois o sucesso da conferência foi garantido. Porém, quando ele realiza o seu trabalho de maneira ineficaz, ele é culpado e julgado pelo seu desempenho.

Para desenvolver um bom trabalho, não basta que o intérprete de conferências esteja disponível e presente no momento da realização do trabalho. Há uma série de fatores que envolvem e influenciam o resultado final da interpretação.

O presente artigo reuniu informações de diferentes autores a cerca da preparação do intérprete para o trabalho em conferências e, de tudo que foi citado, as ideias de todos os autores convergem em um ponto: a preparação do intérprete para o trabalho de conferências não é obrigatória, mas muito útil. Apesar de cada autor enfatizar pontos diferentes da preparação, todos reconhecem que a mesma facilita o trabalho do intérprete de conferências.

Daniel Gile é mais meticuloso ao especificar os estágios da preparação do intérprete bem como ao citar a importância e utilidade da compilação de um glossário próprio para uso durante a conferência. Valerie Taylor-Bouladon também especifica detalhes sobre a preparação de glossários e a importância da organização durante a preparação para que, no momento do trabalho, ele consiga consultar as informações que precisa.

Andrew Gillies reforça que a preparação do intérprete é valiosa para ajudá-lo a solucionar surpresas desagradáveis. Mas, mais do que a preparação para a conferência em si, Gillies propõe que o intérprete deve se informar sobre o que acontece de maneira global e esse tipo de atitude, ao longo do tempo, o tornará um profissional cada vez mais competente. Uma vez que o intérprete é um generalista, como explicitado por James Nolan, ele deve se esforçar para dominar o assunto da conferência a ponto de convencer os ouvintes de que é um especialista.

Apesar das inúmeras barreiras que o intérprete enfrenta ao buscar acesso ao material da conferência antes da mesma, tanto Gile, quanto Nolan, Taylor-Bouladon, Gillies e José R. Pagura falam sobre a utilidade de tais materiais se os mesmo chegam às mãos do intérprete com antecedência. Giles, Taylor-Bouladon e Pagura ressaltam que tais materiais, quando entregues no último minuto ou depois do início da conferência talvez ainda possam ser úteis.

Gillies e Taylor-Bouladon mencionam que informações sobre o palestrante, preparação e estudo sobre o mesmo, ajudam no trabalho do intérprete. E tanto Taylor-Bouladon quanto Franz Pöchhacker desmitificam a ideia de que o intérprete simplesmente translitera palavras e frases dentro da cabine, sem a necessidade de entender o discurso.

Finalmente, o intérprete generalista descrito por Nolan é colocado em comparação com o intérprete-funcionário, descrito por Pagura. Essa oposição ‘intérprete-funcionário’ – que é o especialista, que trabalha para as mesmas organizações e, por isso, de certa forma já está mais familiarizado com os temas das conferências – e ‘intérprete *freelance*’ – que é o

generalista, que trabalha com diferentes áreas e se esforça para que a sua preparação compense a falta de domínio do assunto – permite a identificação da maioria profissionais brasileiros no último grupo. Isso atesta a necessidade de o intérprete brasileiro ser flexível frente às situações de trabalho nas quais é colocado e, ao mesmo tempo, consciente que o momento da preparação é tão crucial quanto o momento da conferência. Não há um desmerecimento dos esforços do interprete-funcionário, mas é evidente que ele se sente mais especialista no assunto do que o intérprete *freelance*. E, por isso, teoricamente, não precisa se preparar com tanto afincamento quanto o *freelance*.

Apesar de ser possível identificar o profissional brasileiro no último grupo, resalto a carência de bibliografia que enfoca o intérprete brasileiro e o seu mercado de trabalho. Pesquisas sobre a realidade brasileira precisam ser desenvolvidas com mais extensão. Uma vez que isso acontecer, será possível estabelecer, de fato, uma relação entre o mercado brasileiro e as estratégias de preparação do intérprete que efetivamente ajude a elaborar o profissional para se encaixar no mercado onde ele se encontra. Até o momento, o levantamento bibliográfico feito mostrou que essa linha de pesquisa é inexistente.

Gile (2009, p.86) expressa o dia-a-dia de um intérprete em uma frase curiosa para o leitor, entretanto intrigante para o profissional: “o inesperado sempre deve ser esperado”. Ou seja, se o intérprete não estiver preparado para se colocar nesse tipo de situação diariamente, ele certamente encontrará problemas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAWRANT, A. C.; GILE, D. **Interpreting Research**. AIIC. Disponível em: <http://aiic.net/page/341/interpreting-research/lang/1> .Acesso em 16 abr. 2014.
- GILE, D. **Basic concepts and models for interpreter and translator training**. 2. ed. Philadelphia and Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009. 283 p.
- GILLIES, A. **Conference Interpreting: A Student's Practice Book**. USA: Routledge, 2013. 296 p.
- GUTTMACHER INSTITUTE. **Interpreting Research Studies**. In Brief, n.2. 2006.
- LUCIANO, A. H. **A interpretação simultânea sob a ótica da linguística aplicada**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.
- NOLAN, J. **Interpretation: techniques and exercises**. 2. ed. Multilingual Matters, 2012. 320 p.
- PAGANO, A. **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. (Estudos Linguísticos: v. 3).
- PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 19, p. 1-25, 2003.
- PAGURA, R. J. **A Interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.
- PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. London: Routledge, 2013. 264 p.
- PÖCHHACKER, F.; QUEIROZ, M. Conexões Fundamentais: Afinidade e Convergência nos Estudos da Interpretação. **Scientia Traductionis**, n. 7, p. 61-75, 2010.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. 4. ed. Lisboa: Gradiva, 2005.
- TAYLOR-BOULADON, V. **Conference Interpreting: Principles and Practice**. 3. ed. BookSurge Publishing, 2007. 344 p.
- WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The map: a beginner's guide to doing research in translation studies**. Manchester: St Jerome Pub, 2002.